

ESPECIAL

DIA DO JORNALISTA

Prêmios de  
jornalismo em saúde

## O papel da informação qualificada em tempos de desinformação

Em um ambiente informativo cada vez mais complexo – e contaminado pela desinformação –, prêmios de jornalismo em saúde vêm ganhando relevância como instrumentos de valorização da cobertura qualificada. Para seus organizadores, trata-se não apenas de reconhecer boas reportagens, mas de fortalecer o papel do jornalismo como mediador entre ciência e sociedade.

Criados em diferentes contextos, esses prêmios acompanham a própria evolução da cobertura de saúde. São ao menos sete em atividade no País, dos quais, infelizmente, apenas cinco nos forneceram informações:

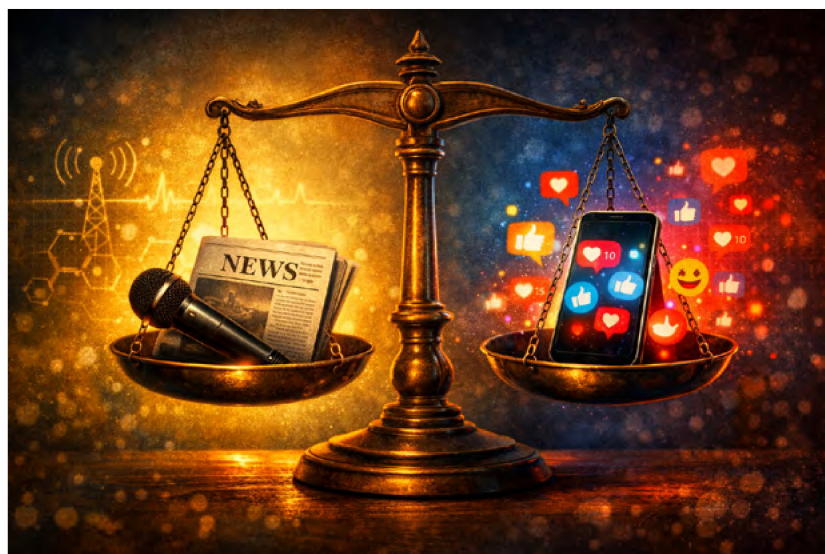
- O *Prêmio SBD de Imprensa*, lançado em 2005, surgiu da "necessidade de ampliar a disseminação de informações confiáveis sobre diabetes".

- Já o *Prêmio Roche de Jornalismo em Saúde*, criado em 2013 com secretaria técnica conduzida pela Fundação Gabo, instituição reconhecida internacionalmente por sua atuação em favor do jornalismo de qualidade, tem como foco "fortalecer a cobertura qualificada sobre saúde e ciência na América Latina".

- Mais recentemente, iniciativas como o *Prêmio de Comunicação José Luiz*



Márcia Kalvon



*Setúbal*, voltado à saúde da criança e do adolescente, nasceram sob o impacto direto da pandemia. "Ficou ainda mais evidente a importância de traduzir o conhecimento científico de forma acessível e ampliar o debate público", afirma **Márcia Kalvon**, diretora-executiva do Infinito – Instituto Futuro é Infância Saudável, gestora do prêmio.

- No caso do *Prêmio Boehringer Ingelheim*, a origem está na tentativa de iluminar temas invisíveis. "Escolhemos começar com uma doença praticamente ausente da imprensa, a Psoríase Pustulosa Generalizada (PPG). Acreditamos que o jornalismo tem papel essencial em dar visibilidade ao que a sociedade precisa conhecer", diz **Bruno Zani**, gerente de Comunicação Corporativa da Boehringer Ingelheim no Brasil.

- O *Prêmio AMRIGS de Jornalismo*, promovido pela Associação Médica do Rio Grande do Sul, insere-se nesse contexto como uma iniciativa voltada a reconhecer trabalhos que contribuam para qualificar a informação em saúde e valorizar o papel do jornalismo na orientação da sociedade. "A proposta sempre foi estimular a produção de conteúdos responsáveis, que ajudem a população a compreender melhor temas de saúde e a tomar decisões mais conscientes", afirma o **Dr. Gerson Junqueira Jr.**, presidente da entidade.

Os organizadores são unânimes ao associar essas iniciativas a um compromisso com a informação de qualidade.

"Os prêmios atuam como ferramentas de incentivo à produção de conteúdos mais responsáveis e socialmente relevantes", resume Márcia Kalvon. Na mesma linha, **Regina Moura**, diretora de Comunicação Corporativa da Roche Farma Brasil, afirma que o objetivo é "ampliar o acesso da população a informações confiáveis sobre questões que impactam diretamente a vida das pessoas".

Para Bruno Zani, o papel é também prático: "Contribuir para informar a população com clareza e rigor científico, além de

ESPECIAL

DIA DO JORNALISTA



Regina Moura

promover discussões relevantes para a saúde pública". Já **Joyce Moura**, gerente de Projetos Sociedade Brasileira de Diabetes, destaca o estímulo à imprensa como agente de educação: "Contribuir para a conscientização da população e para o fortalecimento do papel da imprensa na educação em saúde".

No caso da AMRIGS, essa função também é destacada. Junqueira Jr. enfatiza que o reconhecimento ao jornalismo de qualidade integra um esforço mais amplo de valorização da informação baseada em evidências e de aproximação entre a produção científica e o público em geral.

repercussão de estudos, mas que consiga explicar processos, identificar impactos e situar o tema dentro de um contexto mais amplo de políticas públicas e sistemas de saúde.



Bruno Zani

Bruno Zani acrescenta o elemento humano como diferencial narrativo: "Reportagens que conectam dados científicos à jornada do paciente geram maior compreensão e engajamento". Aqui o jornalismo de saúde chega a uma abordagem mais empática, que traduz números em experiências concretas e aproxima o

leitor de realidades muitas vezes distantes.

Joyce Moura reforça critérios clássicos com um toque contemporâneo: "Originalidade, clareza e compromisso com a

Mais do que reputação institucional, os promotores insistem em um propósito maior: fortalecer o debate público e apoiar decisões mais qualificadas em saúde.

## Que tipo de jornalismo essas iniciativas procuram estimular

Se há um consenso claro, ele está nos critérios de qualidade. "Rigor científico, clareza e relevância social" aparecem como base comum – uma espécie de tríade que orienta tanto a avaliação dos trabalhos quanto a expectativa em relação à cobertura de saúde.

Mas há nuances importantes. Márcia Kalvon chama atenção para a necessidade de ampliar o olhar: "É fundamental traduzir questões complexas e incorporar diferentes realidades, inclusive o olhar da criança, no caso da saúde infantojuvenil". Essa perspectiva aponta para um jornalismo que vá além da tradução técnica e consiga representar a diversidade social, cultural e territorial do País.

Regina Moura enfatiza a estrutura do trabalho jornalístico: "Apuração aprofundada, diversidade de fontes e contextualização adequada dos dados são essenciais". Nesse sentido, ganha força a ideia de uma cobertura que não se limite ao factual ou à

promoção da saúde, além de inovação e criatividade". A menção à inovação indica também uma abertura para novas formas de contar histórias, sem abrir mão da precisão.

Junqueira Jr. também ressalta a importância de "conteúdos que conciliem precisão técnica com linguagem acessível, de forma a ampliar o alcance das informações e contribuir para a educação em saúde da população".

Outro ponto recorrente é a ampliação de formatos. Como observa Kalvon, "o prêmio reconhece desde texto até conteúdos em áudio, vídeo e redes sociais", movimento acompanhado pelas demais iniciativas. Essa diversidade não é apenas formal: reflete a tentativa de alcançar diferentes públicos e adaptar a linguagem jornalística a um ambiente de consumo fragmentado, em que a informação precisa ser, ao mesmo tempo, confiável e acessível.

No conjunto, o que se delinea é um modelo de jornalismo de saúde que combina técnica e sensibilidade, profundidade e didatismo – e que busca, cada vez mais, dialogar com públicos diversos sem perder o compromisso com a evidência científica.

## Impacto das reportagens premiadas

Os organizadores apontam que o impacto dos trabalhos reconhecidos vai além da visibilidade imediata ou do

ESPECIAL

DIA DO JORNALISTA

reconhecimento entre pares. Em muitos casos, trata-se de dar permanência e profundidade a temas que tendem a desaparecer rapidamente do noticiário.

“O prêmio tem contribuído para dar luz a temas invisibilizados, como saúde indígena, desnutrição e doenças raras”, afirma Márcia Kalvon. Ela cita, por exemplo, reportagens sobre os efeitos duradouros da epidemia de zika – um tema que perdeu espaço na agenda pública, mas segue com consequências significativas –, além de produções em áudio sobre saúde mental de crianças e adolescentes. Ao reconhecer esses trabalhos, os prêmios ajudam a manter essas pautas vivas no debate público.

Na avaliação de Regina Moura, muitos trabalhos “ampliaram o debate público e estimularam discussões relevantes sobre políticas de saúde” em diferentes países. Esse impacto se dá tanto pela repercussão

direta quanto pela circulação ampliada dessas reportagens, que passam a alcançar novos públicos e a influenciar diferentes esferas de decisão.

Bruno Zani destaca tanto o alcance quanto a capacidade investigativa. Ao citar reportagens premiadas, ele aponta exemplos “que chegam a populações ribeirinhas e indígenas”, evidenciando o papel do jornalismo em adaptar formatos e linguagens para atingir públicos historicamente menos atendidos. Ressalta também trabalhos que “expõem lacunas do sistema de saúde e investigam barreiras estruturais”, indicando a relevância do jornalismo investigativo na área.

Joyce Moura adota uma visão mais cautelosa, mas reconhece o efeito indireto: ao valorizar conteúdos



Joyce Moura



Dr. Gerson Junqueira Jr

qualificados, os prêmios “favorecem um ambiente de informação responsável, que pode influenciar decisões em saúde”.

No caso da AMRIGS, o impacto também é percebido: “Ele se dá na ampliação do alcance de temas relevantes e no estímulo à produção de conteúdos que dialoguem com as necessidades concretas da população,

reforçando o papel do jornalismo como instrumento de interesse público”, afirma Junqueira Jr..

Em comum, essas avaliações sugerem que o principal legado das reportagens premiadas não está apenas na repercussão imediata, mas na capacidade de sustentar temas relevantes ao longo do tempo, ampliar a compreensão pública e, em última instância, influenciar – ainda que de forma indireta – agendas e decisões na área da saúde.

## Desinformação e novos desafios da cobertura de saúde

O avanço da desinformação aparece como um divisor de águas.

“Os prêmios passam a ter um papel ainda mais relevante ao destacar conteúdos comprometidos com a ciência”, afirma Márcia Kalvon. Regina Moura reforça: “Reconhecer o jornalismo responsável torna-se essencial em um cenário de circulação intensa de informações falsas”.

Para Bruno Zani, esse contexto “reforça a importância de valorizar conteúdos baseados em evidências e apuração rigorosa”. Joyce Moura vai além, ao associar o problema à proliferação de produtos sem respaldo científico: “O combate às *fake news* torna-se urgente, já que muitas estão ligadas a falsas promessas de tratamento”.

Junqueira Jr. afirma que os prêmios ganharam um papel ainda mais estratégico ao incentivar conteúdos confiáveis e reconhecer profissionais comprometidos com a verdade: “Eles funcionam como referência de qualidade em meio a um cenário de excesso de informações”.

Ao mesmo tempo, todos apontam desafios adicionais: a velocidade da informação, a pressão por simplificação e a necessidade de adaptar a linguagem a múltiplas plataformas sem perder precisão.